



Audiodescrição: uma Narrativa da Paisagem Urbana

Cesar Fraga

Antes de comentar a experiência com o uso da audiodescrição nos sábados acessíveis do projeto *Viva o Centro a Pé*, é necessário explicar um pouco o que é esse recurso de acessibilidade voltado para pessoas com deficiência visual, com baixa visão ou com problemas cognitivos. Trata-se da descrição objetiva das informações que estão contidas na paisagem, em obras de arte, audiovisuais, eventos, peças de teatro, aulas, palestras, eventos, enfim, em qualquer atividade humana, e que podem ser compreendidas apenas visualmente e que não estão contidas nas narrativas orais e também não podem ser totalmente compreendidas meramente pelos sons.

Nos filmes, por exemplo: as expressões faciais e corporais, os figurinos, a aparência dos personagens, efeitos especiais, cortes de cena, letreiros na tela, tudo o que, sem o auxílio de uma descrição, exclua a pessoa com deficiência visual da compreensão do todo pode e deve ser audiodescrito. A audiodescrição torna possível ao cego que a informação contida nas imagens seja transmitida por meio de texto falado, no caso, pelo audiodescritor. Essa descrição pode ser feita ao vivo, em tempo real ou gravada. Nos filmes, isso ocorre ao mesmo tempo em que determinada situação surge na tela, possibilitando que a pessoa estabeleça o nexo entre os sons e as imagens descritas para formar uma ideia do todo. Nos espetáculos, peças de teatro e filmes, as descrições são feitas nos espaços entre os diálogos e nas pausas narrativas, evitando sobreposição com conteúdo sonoro importante para a compreensão.



Dito isso, convém destacar o pioneirismo, no RS, do projeto *Viva o Centro a Pé (Sábado Acessível)* com o uso de audiodescrição em passeio guiado com a finalidade de redescobrir a cidade e sua arquitetura, que, em novembro de 2013, completa o primeiro ano com esse recurso.

A ideia básica é apresentar a paisagem e não apenas arquitetônica, mas todas as informações sobre os trajetos guiados, que não estão contidos nas falas do professor/guia, inclusive os detalhes mais prosaicos, como materiais de que são feitas as calçadas e elementos que compõem os caminhos e interiores dos prédios visitados, na busca e na tentativa de estabelecer o máximo de nexos possíveis entre as informações visuais e as apreendidas pelos demais sentidos das pessoas com deficiência visual.

De imediato, defrontamo-nos com alguns limitadores, já em vias de serem sanados às vésperas da publicação deste artigo. Trata-se do uso de megafones e da voz sem amplificação e/ou qualquer tipo de transmissão via rádio/fones, recursos que facilitam bastante, quando se trabalha em movimento, permitindo maior qualidade na descrição, sem competir com as falas do professor/guia. Porém, dentro das limitações dos primeiros passeios, o retorno dos usuários foi satisfatório, com algumas críticas construtivas que foram sendo absorvidas e melhorias sempre sendo incorporadas ao passeio seguinte.

A iniciativa dos organizadores do projeto em incluir as pessoas com deficiência visual nas caminhadas deve ser saudada e, espera-se, contagie outros projetos e eventos para que cada vez mais a audiodescrição – no caso dos cegos – assim como demais recursos de acessibilidade, entrem de vez no cenário cultural, político e educacional de Porto Alegre e do Estado. Para entender a importância



desse recurso é necessário imaginar a sensação de um cego caminhando no centro de Porto Alegre. Coloque uma venda nos olhos e tente guiar-se no espaço apenas com os demais sentidos. Ao escutar o motor de um carro, não saberá a marca, a cor, se é velho ou novo. Ao escutar uma voz, não há como saber a aparência da pessoa. Ao entrar em um prédio, principalmente um prédio histórico, a audiodescrição permite que as informações históricas, arquitetônicas, geográficas e topográficas passem a ter forma e cores por meio de palavras. Trata-se da tradução do que é visto em narrativa. É a transformação do sentido em texto, em pensamento, na imagem falada, processada e repensada pelo outro, fazendo o caminho inverso, por meio da imaginação se faz a construção da imagem por aquele que não vê pelo que é dito dela.

Portanto, em resumo, a audiodescrição utilizada nos sábados acessíveis do projeto *Viva o Centro a Pé*, nada mais é do que uma narrativa da paisagem urbana de Porto Alegre, que permite àqueles que não enxergam que se apropriem com maior intimidade da cidade em que vivem a passem a conhecê-la melhor.